

# Questões político-sociais em Brasil e Portugal através de correspondências entre José Saramago e Jorge Amado em *Cadernos de Lanzarote I (1997/1994)*: alienação social e consciência de classe

Mateus Saraiva de OLIVEIRA<sup>1</sup>  
Sérgio Welington FREIRE<sup>2</sup>  
Wellerson Bruno Farias Dos REIS<sup>3</sup>

**Resumo:** Este trabalho tem por objetivo analisar questões político-sociais no Brasil e em Portugal, sob as visões de José Saramago e Jorge Amado, observadas em recortes de correspondência presente em *Cadernos de Lanzarote I (1997/1994)*, do escritor português, publicado originalmente em 1994. Assim, esta pesquisa, através da análise do diário autobiográfico de Saramago, possibilita observar como ele interpretou as inferências de Jorge Amado à organização político-social no Brasil, dialogando com a realidade Portuguesa, sobre alienação social e consciência de classe. A metodologia utilizada é de caráter bibliográfico e análise crítico-reflexiva. No suporte teórico que ampara essa pesquisa encontram-se: Lejeune (2005) e Arfuch (2010) que tratam sobre os gêneros diário e autobiografia. Freddo (1994) que fala sobre o discurso da alienação nas organizações, Mandarino (2022) vem discutir, com base em Karl Marx, a respeito de alienação e classe social, entre outros assuntos verificados neste estudo.

**Palavras - Chave:** Política. Relações Brasil-Portugal. Sociedade.

*“O que eu quero é que se note nos meus livros que passou por este mundo (valha isso o que valer, atenção!) um homem que se chamou José Saramago. Quero que isso se saiba na leitura dos meus livros. Desejo que a leitura dos meus livros não seja a de uns quantos romances acrescentados à literatura, mas que neles se perceba o sinal de uma pessoa.”*

(José Saramago)

## INTRODUÇÃO

Partindo das aspirações de Saramago, situadas na epígrafe deste trabalho, que revelam a essência autoral direcionada à inserção da sua identidade em suas produções literárias, é possível gerar reflexões acerca do ato de escrever numa perspectiva crítica-discursiva, a qual é expressa pelo próprio escritor português, detentor de um conjunto de obras essenciais para discussões em sociedade. Com base nisso, o estudo da arte realizado neste trabalho abrange uma parte mais particular da produção saramaguiana, ligada a memória e opinião direta do autor.

---

<sup>1</sup> Graduando em Letras - Língua Portuguesa pela Universidade Federal do Pará. Bragança-PA E-mail: [mateussaraiva561@gmail.com](mailto:mateussaraiva561@gmail.com)

<sup>2</sup> Doutor em Letras pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – E-mail: [sergiofreire@ufpa.br](mailto:sergiofreire@ufpa.br)

<sup>3</sup> Mestre em Linguagens e Saberes da Amazônia – PPLSA pela Universidade Federal do Pará – E-mail: [wellerson.reis986536@escola.seduc.pa](mailto:wellerson.reis986536@escola.seduc.pa)

Este artigo apresenta uma abordagem sócio-histórica contemplada em questões político-sociais em Portugal e no Brasil, descritas e dialogadas através do registro autobiográfico em recortes da obra *Cadernos de Lanzarote I* (1997), originalmente publicado em 1994, do escritor referido, que revela um olhar crítico e insatisfeito com as mazelas sociais, principalmente as desigualdades e a subordinação de uma camada social envolta da alienação do poder político na década de 90. Olhar este que Saramago compartilha em comum com o autor brasileiro Jorge Amado, como poderá ser visto nos trechos em que ambos expressam, por meio de correspondências trocadas, suas respectivas indignações e reflexões frente aos questionamentos lançados diante dessas questões conflituosas.

Entender tal perspectiva, ganha um valor ainda mais significativo quando possível percebê-la através de um autor que permite analisá-lo por meio da sua própria crítica, possibilitando discussões pertinentes ligadas ao aspecto social. Em *Cadernos de Lanzarote I* (1997), por exemplo, Saramago apresenta uma versão de si enquanto homem real, que vive, expressa e partilha suas visões sobre variados temas propostos pela vida, considerando a escrita desse diário, assim pode ser definida esta obra, como fonte reveladora daquilo que se deseja transparecer em verdade sob um reflexo do visível, perceptível quando diz que:

[...] Escrever um diário é como olhar-se num espelho de confiança, adestrado a transformar em beleza a simples boa aparência ou, no pior dos casos, a tornar suportável a máxima fealdade. Ninguém escreve um diário para dizer quem é. Por outras palavras, um diário é um romance com uma só personagem. Por outras palavras ainda, e finais, a questão central sempre suscitada por este tipo de escritos é, assim creio, a da sinceridade (Saramago, 1994, p. 4).

Saramago, de certo, cria em *Cadernos de Lanzarote I* (1997) um personagem autorreferencial centrado na sinceridade, tecendo comentários assíduos sobre fatos sociais e suas relações interpessoais, conseguindo ao mesmo tempo produzir sua obra e ter domínio consciente para ser sua própria fonte teórica, como foi visto na citação acima. Assim sendo, com relevância e coerência juntamente, com outros estudiosos, o autor de *Memorial do convento* (1982) enriquecerá este trabalho contribuindo na construção lógica e concisa das problemáticas a serem discutidas no decorrer desta produção textual.

Os estudos sobre José Saramago são diversos e indispensáveis para a compreensão de um mundo movido a transformações nem sempre progressistas, como ele afirmou em 2000 “O progresso só beneficia uma minoria.” (Saramago *apud* Aguilera, 2010, p. 99). Desse modo, os infortúnios suscitados na política e, não obstante, na sociedade, geram constantes apontamentos e interrogações pertinentes, como as prospecções a respeito da conscientização de classes

sociais que delimitam inúmeras vidas nas mais diversas realidades e o poder da alienação incisiva destrutiva, muitas vezes, imposta sem a devida atenção do cidadão. Questões essas que Saramago e Jorge Amado dialogam com maestria em suas obras, mas que aqui foram encontradas em correspondências trocadas entre os dois escritores, reveladas em partes pelo português, com toque de subjetividade e responsabilidade de quem sabe o que escreve.

Destarte, este trabalho seguirá estruturado em três seções: na primeira serão abordados estudos sobre a escrita autobiográfica e diário, bem como, o teor autobiográfico em *Cadernos de Lanzarote* (1997), através da contribuição dos teóricos Lejeune (2008) com sua obra *O Pacto Autobiográfico*; Arfuch (2010) em *O Espaço Biográfico*, tendo como ponto elucidativo as percepções dos gêneros analisados na composição da escrita da obra de Saramago. Nesse primeiro momento, objetiva-se construir uma relação de conhecimento entre autor, obra e sua intencionalidade.

Em seguida, serão realizadas reflexões sobre a relação entre José Saramago e Jorge Amado, considerando seus pensamentos e ideologias que se complementam partindo de concepções politicamente engajadas. Para isso, serão acionados os trabalhos de Aguilera (2010) em “*As Palavras de Saramago (2010)*”, apresentando discursos do próprio Saramago; Calixto (2019) em “*História e memória da trajetória político-intelectual de Jorge Amado*” e Castello (2009) com seu artigo “*Jorge Amado e o Brasil. O universo de Jorge*”, nos quais ambos tratam sobre o lado político e social de Jorge Amado, enquanto cidadão preocupado com a realidade brasileira. Essa segunda etapa de desenvolvimento é dedicada ao conhecimento da forte ligação mantida por Jorge e José, fortalecida por suas visões semelhantes sobre a sociedade.

Na sequência, serão levantadas discussões político-sociais por meio dos recortes de *Cadernos de Lanzarote I* (1997), nos quais Saramago tece reflexões a partir da correspondência enviada por Jorge Amado, dialogando a respeito de fatos e opiniões sobre seus respectivos países. Tais comentários de Saramago levantam questões pertinentes ao interesse universal, no que confere os anseios por uma sociedade livre de alienações dos poderes opressores e do ser consciente de sua classe perante o exercício da democracia e do papel social participativo. Quanto a isso, serão acrescentadas as contribuições de Isidoro (2006) com seu trabalho intitulado “*Alienação em Marx.*”; Freddo (1994), em “*O discurso da alienação nas organizações*”; Galine (2020) com “*Consciência, consciência de classe e luta política no materialismo histórico de Marx e Engels*”; Mandarin (2022) com sua perspectiva em torno de alienação e classes sociais em “*Alienação, Ideologia e Consciência de Classe: Movimentos Sociais e Partidos de Esquerda na Encruzilhada*”, entre outros, com a finalidade de estabelecer diálogo com as intelectões suscitadas no estudo dos recortes analisados.

## **Autobiografia ou diário? A escrita de si como reflexo do autor.**

Os registros autobiográficos destacam-se e conquistam forte apreço do leitor e de quem os escreve, pois revelam a identidade do autor de maneira intimista acrescida da fidelidade ao que ele se propõe tomar como foco discursivo, a figura de si. De maneira análoga, o teórico francês Lejeune 2008 diz: “para que haja autobiografia (e, numa perspectiva mais geral, literatura íntima), é preciso que haja relação de identidade entre o autor, o narrador e o personagem. [...]” (Lejeune 2008, pg. 15). Sob tal ótica, o gênero autobiográfico está envolto das situações deflagradoras de uma escrita identitária do autor/narrador/personagem a partir do espaço circunstancial das narrativas pessoais.

Na autobiografia estão empregadas características que evidenciam questões extratextuais de caráter discursivas relacionadas ao conjunto de particularidades deste gênero. Logo, em conformidade às propriedades destes escritos atribuídos a uma “narrativa retrospectiva”, Lejeune (2008) condiciona categoricamente da seguinte maneira: “1. Forma da linguagem” composta por narrativa em prosa; “2. Assunto tratado” neste caso, acontecimentos da vida pessoal; “3. Situação do autor” diretamente ligada ao fator identidade real autor/narrador; “4. Posição do narrador” ponto referente a colocação da narrativa retrospectiva em função identitária do narrador/personagem. (Lejeune 2008, p. 14).

Os estudos elaborados em torno da autobiografia, constatarem também seu âmbito figurativo na narrativa como difusor do caráter questionador autojustificativo na escrita, em outras palavras, o desenvolvimento do processo criativo neste gênero concede ao autor estabelecer a correlação narrador/personagem, por uma produção autêntica consciente de sua transversalidade atemporal. Nessa perspectiva, é possível captar tais características na escrita autorreferencial de Saramago em *Cadernos de Lanzarote* (1997), enquanto agente protagonista da sua produção. Semelhante a isso, Leonor Arfuch (2010) disserta que:

[...] Esse modelo narrativo opera também em relação à matéria autobiográfica e para além das diferenças entre os sujeitos: tabus, umbrais da interioridade que dificilmente são atravessados, traços de caráter e comportamentos em sintonia com os ideais da época, adequação, mesmo relativa, a pautas e cânones estabelecidos. Como se o traço antológico da emergência do gênero – a transcendência das vidas ilustres, a recuperação do tempo passado, o desejo de si criar a si mesmo, a busca de sentidos, o traçado de uma forma perdurável que dissipe a bruma da memória – fosse de certo modo indelével; da mesma maneira que a marca d’água no papel não impede a leitura contrastante e plena da letra (Arfuch, 2010, p. 135 – 136).

Em nota, o ato de escrever sobre si demanda um aparato muito mais amplo do que possa ser depreendido, transitando pelo espaço do conhecimento, bem como das necessidades

individuais e coletivas. Considerando as proporções que circundam a autobiografia, Philip Lejeune (2008) em sua obra *“O Pacto Autobiográfico”*, dimensiona as instâncias que ele observa como “campos discursivos”, nos quais a escrita autobiográfica está inserida: “A autobiografia se inscreve no campo do conhecimento histórico (desejo de saber e compreender) e no campo da ação (promessa de oferecer essa verdade aos outros), tanto quanto no campo da criação artística.” (Lejeune 2008, p. 104). Por esta perspectiva, a autobiografia não é um simples querer registrar, mas sim, o mecanismo textual potencialmente revelador utilizado para indicar a transparência de quem a produz.

No espaço biográfico encontra-se também o diário, gênero que segundo Lejeune (2008, p. 14) é “vizinho da autobiografia”. Dessa forma, é importante dissertar sobre os aspectos da produção diarista e, dessa forma, relacionar a escrita memorialística com os anseios que objetivam a busca de expressar, na maioria das vezes, o que não foi falado e/ou parte que se manteve oculta em certo momento reconfigurado para um desfecho registrado no papel. É o que pode ser observado na fala de Arfuch (2010):

O diário cobiça o excedente, aquilo que não é dito inteiramente em nenhum outro lugar ou que, assim que é dito, solicita uma forma de salvação. De alguma maneira contém o sobrepeso da qualidade reflexiva do viver. Mas também realiza, vicariamente, aquilo que não teve nem terá lugar, que ocupa um lugar intersticial, que assinala a falta. Mais do que um gênero é uma situação (um fechamento) de escrita (Arfuch, 2010, p. 145 – 146).

O diário, portanto, é um instrumento de maior aproximação e exclamação do “eu” enquanto personagem autoral, isto é, refere-se ao meio de desbravamento da escrita autorreflexiva do autor e, espaço destinado para “desabafos em papel”, como explica Lejeune (2008): “O diário é um espaço onde o eu escapa momentaneamente à pressão social, se refugia protegido em uma bolha onde pode se abrir sem risco antes de voltar mais leve ao mundo real. Ele contribui modestamente para a paz social e o equilíbrio individual.” (Lejeune, 2008, p. 262). Relativamente, o diário propicia uma ampla abordagem de conhecimento, de maneira intimista, que reporta à um ser social dentro de suas singularidades.

Dessa forma, uma característica importante dos diários de Saramago é construção de uma escrita autobiográfica, que se encontra, no limiar dos gêneros autorreferenciais, entre os mais utilizados quando se trata do falar sobre si. Imediatamente, verifica-se tal correlação em indicações refletidas nas primeiras páginas da obra analisada, de acordo com as palavras do próprio autor:

Por que então estes cadernos, se no limiar deles já se estão propondo suspeitas e justificando desconfianças? Um dia escrevi que tudo é autobiografia, que a vida de cada um de nós a estamos contando em tudo quanto fazemos e dizemos, nos gestos, na maneira como nos sentamos, como andamos e olhamos, como viramos a cabeça ou apanhamos um objecto do chão (Saramago, 1997, p. 4).

Ao contextualizar *Cadernos de Lanzarote I* (1997) José Saramago evidencia o teor autobiográfico na escrita da obra definida por ele como diário, delineando um espaço discursivo da escrita de si, a partir do que ele disserta ser necessário para compreender-se enquanto autor de sua própria história, vivendo em constante observação de seus atos, acrescido do autoconhecimento fundamental na projeção identitária do ser que olha para dentro de si, frente aos sinais que o cercam. Assim sendo, é possível tomar por compreensão Saramago 1998, registrado em *As Palavras de Saramago* (2010) “O que eu quero é que se note nos meus livros que passou por este mundo (valha isso o que valer, atenção!) um homem que se chamou José Saramago[...]”. (Saramago, 1998 apud Aguilera et al., 2010). Vê-se então que a figura do autor português se transcreve na fonte de sua própria produção textual.

Sabendo das fundamentações teóricas acerca de autobiografia e diário, em conformidade com a afirmação de Saramago no prefácio de *Cadernos de Lanzarote* (1997), é pertinente discorrer sobre o teor autobiográfico dessa obra. Assim sendo, as marcas de aproximação entre a escrita diarista e a autobiográfica foram expressas no âmbito do espaço biográfico como meio de formulação da imagem autoral. Sobre um aspecto similar entre os gêneros em questão, na construção de uma imagem relativamente positiva e reflexiva nas condições reais, Lejeune (2008) afirma que: “[..] o diário será, como a autobiografia, o espaço de construção dessa imagem positiva. Mas ele também pode ser espaço de análise, de questionamentos, um laboratório de introspecção.” (Lejeune, 2008, p. 263).

Outrossim, dadas as formas como se observam as autobiografias e os diários, a partir de suas apreciações, depreende-se o que Arfuch (2010) diz: “[...] o diário talvez seja a única forma autobiográfica de uso comum e compartilhado”. Similarmente, a autobiografia e o diário transitam por meios convergentes às interpretações da escrita pessoal. E, não obstante Philip Lejeune (2008), aporta mais um contexto considerável para essa busca da relação entre os dois gêneros:

[...] É enquanto diário que a autobiografia é interminável – da mesma maneira, é enquanto autobiografia que o diário pode ser “terminado”. [...] O fato de sobreviver a sua autobiografia não passa do fato de que o ato de escrever, situado no tempo, só pode ser considerado na perspectiva do diário (Lejeune, 2008, p. 273).

Nesse contexto, é possível afirmar a presença do teor autobiográfico no diário de José Saramago, em verdade e, sob o reflexo das contribuições teóricas apresentadas, *Cadernos de Lanzarote I (1994)* está no rol das produções discursivas saramaguianas, tomadas aqui, como diários que configuram a escrita autobiográfica do autor português. Diante dessa afirmação, a ideia discutida até aqui, alinha-se com o que alega Marcon Apud Filho (2017) em seu texto “José Saramago: Retratos do autor pela sua arte”, enfatizando que a escrita autobiográfica de Saramago, surgem de maneira contundente nos seus primeiros cadernos:

Para Oliveira Filho (2008, p. 3), o registro autobiográfico de José Saramago começa, efetivamente, nos Cadernos de Lanzarote. As anotações íntimas permitiram que o leitor encontrasse as tribulações que a notoriedade impôs à vida do autor - elevado à condição de grande intelectual e romancista - e acompanhasse os caminhos tortuosos da confecção de alguns livros, suas reflexões políticas e ideológicas e acontecimentos pessoais do seu dia-a-dia (Marcon Apud Filho. 2017, p. 5).

Portanto, é evidente que em *Cadernos de Lanzarote I (1994)* de José Saramago, encontram-se marcas de registros autobiográficos, os quais enriquecem, nesse caso especificamente, a construção e finalidade dos diários de Saramago, enquanto fonte de reflexos do autor e do homem que os escreveu, diante dos prazeres e desprazeres da vida, bem como das suas diversas relações interpessoais. Então, *Cadernos de Lanzarote I (1997)* simboliza um dos inúmeros feitos de José Saramago, para além de diários autobiográficos, expressam uma escrita literária autobiográfica que revelam o escritor em sua transparência humana.

### **A relação entre José Saramago e Jorge Amado: correspondências de ideais e anseios sociais.**

É fato que José Saramago e Jorge Amado foram dois grandes autores da literatura de língua portuguesa, prova disso são os vários prêmios conquistados por cada um, tais como: o Nobel com Saramago e Camões com Amado. A amizade entre esses dois gigantes do universo literário, surgiu em meados da década de 90 quando eles começam a trocar correspondências afetuosas, expressando a admiração que um sentia pelo outro e tratando também sobre o cotidiano, prêmios, obras e, principalmente, das questões políticas e sociais que afligiam seus respectivos países. Com isso, os materiais dessa troca de experiências observadas através de registros escritos, revelam a proximidade de pensamentos ideológicos pertinentes para discussões em sociedade.

Provando que os dois escritores faziam questão de apreciar um ao outro em relação à grandeza de suas obras, inclusive *Cadernos de Lanzarote I (1997)*, segue um registro de Jorge

Amado a respeito dos diários de José Saramago, “Os *Cadernos de Lanzarote* encantaram-me. Os comentários não cabem num fax apressado. Ajudam a medir a estatura do cidadão que escreve romances, que recria a vida.” (Amado, 1994). Logo, o escritor brasileiro resume em singelas palavras o que Saramago apresenta em seus diários, uma possibilidade de compreensão transversal do autor e ser humano que foi, denominado pelo amigo Baiano como o “mestre dos romances”.

Semelhante a isso, José Saramago não poupava elogios ao autor de *País do carnaval* (1931), sempre se referindo ao amigo como um dos grandes nomes responsáveis por uma literatura que desvendou a verdadeira face do seu país, apresentando o Brasil miscigenado, real sem estereótipos com autenticidade e fidelidade à sua percepção da vida<sup>4</sup>. Segundo o romancista português, “Durante muitos anos Jorge Amado quis e soube ser a voz, o sentido e a alegria do Brasil. Poucas vezes um escritor terá conseguido tornar-se, tanto como ele, o espelho e o retrato de um povo inteiro.” (Saramago, 2009). Esse direcionamento à Jorge Amado, certamente não é um equívoco ou meras palavras de quem possui uma forte amizade, são afirmações que Saramago faz com muita propriedade e muita responsabilidade intelectual, com olhar de quem está no mais alto nível de crítica literária e, ainda diz mais:

Uma parte importante do mundo leitor estrangeiro começou a conhecer o Brasil quando começou a ler Jorge Amado. E para muita gente foi uma surpresa descobrir nos livros de Jorge Amado, com a mais transparente das evidências, a complexa heterogeneidade, não só racial, mas cultural, da sociedade brasileira. A generalizada e estereotipada visão de que o Brasil seria reduzível à soma mecânica das populações brancas, negras, mulatas e índias, perspectiva essa que, em todo o caso, já vinha sendo progressivamente corrigida, ainda que de maneira desigual, pelas dinâmicas do desenvolvimento nos múltiplos sectores e actividades sociais do país, recebeu, com a obra de Jorge Amado, o mais solene e ao mesmo tempo aprazível desmentido (Saramago, 2009, p. 36).

Diante das palavras de Saramago, compreende-se o quão importante foi/é a figura de Jorge Amado no cenário da literatura brasileira, assim como o escritor português também possui grande relevância no espaço literário de seu país. Em suma, a literatura de língua portuguesa, em destaque do Brasil e Portugal, ganha um elevado patamar com as obras desses autores comprometidos com a sociedade, sobretudo na defesa de ideais igualitários, na luta contra as desigualdades sociais e os sistemas manipuladores da sociedade.

---

<sup>4</sup> Jorge Amado sempre retratou a realidade do povo brasileiro em suas obras e, nos seus diversos relatos pessoais acerca do Brasil enquanto país multicultural e miscigenado, considerando a representatividade do nordeste brasileiro, sobretudo da Bahia. Para melhor compreensão dessa afirmação, é importante a leitura das palavras de Carolina Calixto (2011) em seu trabalho intitulado “Jorge Amado e identidade nacional: diálogos político-culturais”, no qual é realizado um estudo histórico-social da imagem do escritor baiano para o Brasil e para o mundo.

## **O engajamento político e social em José Saramago.**

É de conhecimento mundial que José Saramago, dito comunista, foi um grande crítico das diversas formas de políticas opressoras excludentes e disparidades sociais, as discussões levantadas por ele sempre foram pertinentes ao contexto social. Seus posicionamentos políticos assíduos e sem reticências refletem seu inconformismo frente as falhas na democracia, do poder e dos sistemas econômicos neoliberais. De acordo com Aguilera (2010) em *As Palavras de Saramago (2010)*, “Militância e posicionamentos políticos estão na essência mesma da arquitetura ideológica de Saramago.” (Aguilera, 2010, p. 277), tendo em vista que o enfrentamento sociopolítico simboliza tanto a personalidade do autor quanto a do homem acostumado a intervir nos problemas da vida cotidiana.

O ser politicamente engajado faz parte do universo de Saramago, seja na vida ou na obra. Do romance às memórias. Em *Cadernos de Lanzarote I (1997)*, por exemplo, as concepções políticas do autor são evidenciadas em quase todo o texto, direcionadas para uma vertente de valorização, respeito e reconhecimento necessário de justiça social, o que se percebe diante da seguinte afirmação:

[...] A questão política principal do nosso tempo deveria ser o respeito pelas nações e a dignificação de todas as minorias étnicas, como meio de prevenir os nacionalismos xenófobos, reconhecendo em cada povo a sua capacidade própria de alargar as suas potencialidades criativas, naturalmente em diálogo com os outros povos, mas sem sujeições de qualquer espécie (Saramago, 1997, p. 241).

Constantemente, as opiniões de José Saramago em relação as questões político-sociais predominantes no território português, surtiam impactos significativos nos sistemas que controlavam a sociedade no decorrer de sua época de inquietação, por vez inacabável. De fato, Saramago conseguia transmitir em seus escritos, os sentimentos revolucionários ligados ao desejo de construção e/ou reconstrução democrática social de maneira concisa, instigando a comunidade leitora em geral a despertarem para as lutas em prol de direitos, sob o viés da participação política. Assim como é citado na obra *As Palavras de Saramago (2010)*, “O escritor é um homem do seu tempo ou não é. O que escreve será sempre ação política ou omissão.” (Saramago, 1982 apud Aguilera *et al.*, 2010). Isso se deve ao papel socialmente ativo que, segundo o próprio ganhador do Nobel de literatura, o escritor consciente do seu tempo e da capacidade de alcance social, precisa exercer enquanto agente politicamente preocupado com a verdade.

## **Jorge Amado e seu olhar político**

Um dos maiores nomes da literatura nacional, vencedor de inúmeros prêmios e um narrador fiel da realidade brasileira, Jorge Amado deixou um legado intelectual necessário para a compreensão de diversas questões de interesse social, como a defesa das camadas populares, a pluralidade do povo brasileiro e o combate ao autoritarismo e injustiças sociais. Assim como José Saramago, o autor de *Capitães de Areia* (1937) sempre tratou de maneira contundente o viés político-social presente na essência de sua vida e obra. Sobre tamanha relevância do escritor baiano, vale destacar aqui uma frase de José Saramago expressa em “*O Caderno*” (2009), “Diz-se que pelo dedo se conhece o gigante. Aí está, pois, o dedo do gigante, o dedo de Jorge Amado.” (Saramago, 2009, p. 36). De certo, tal afirmação revela a magnitude de quem foi e sempre será Jorge Amado.

Destaque da famosa geração de 30, Amado desenvolveu sua literatura sem medo de mostrar a vida tal como ela é, transformando o texto em espaço de liberdade. Com efeito, seus posicionamentos e insatisfações político-sociais indicavam o ser aflito, atento aos interesses dos menos favorecidos, bem como menciona Carolina Calixto (2019):

Foi pela sua preocupação quanto as questões sociais que Jorge acreditou ter sido sempre um autor politicamente engajado bem como esclareceu na frase grifada por nós no trecho citado anteriormente: ‘O fato de eu retratar a vida do povo, torna a minha literatura extremamente política por ser social e nascer da realidade’ (Calixto, 2016, p. 129).

A assiduidade com a qual Jorge Amado tratava a realidade da população, especificamente os que estavam às margens da sociedade, falava muito sobre sua percepção de vida, considerando sua vertente comunista, de esquerda. No tocante a isto, cabe ressaltar também, uma frase de Castello (2009), a qual reitera o pensamento em torno da figura de Amado, como um escritor e/ou descritor da diversidade social brasileira: “Não é exagero dizer: Jorge Amado foi o inventor do Brasil moderno. Não há escritor brasileiro que tenha a imagem pessoal tão ligada à de nosso país quanto ele.” (Castello, 2009, p. 11). Por conseguinte, vida e obra se encontravam constantemente na busca por igualdade, política verdadeiramente democrática e progresso a partir de justiça social, logo, seu engajamento se deu por meio da abordagem de fatores político-sociais do seu tempo.

Sob tal ótica, a relação de amizade entre José Saramago e Jorge Amado representa a união simbólica de dois defensores das camadas abastardas e críticos das desigualdades e

opressões sociais. Certamente, Brasil e Portugal foram presenteados com o legado deixado por ambos. Compreender Jorge e José, é saber interpretar a realidade sem restrições sob ideologias verdadeiramente humanas.

### **As questões político-sociais em *Cadernos de Lanzarote I (1997)*: críticas e reflexões entre Saramago e Jorge Amado à luz de Portugal e Brasil.**

Em *Cadernos de Lanzarote (1997)*, José Saramago cultivava uma produção escrita repleta de reflexões em torno de política, sociedade e literatura, baseada em suas experiências ao longo da vida, quer seja em momentos individuais ou de situações compartilhadas por meio de pensamentos e opiniões com seus amigos, a exemplo de Jorge Amado, quando citado através da troca de correspondências, fraternas, mas, com inferências sob teor político e social, revelando parte das insatisfações que ambos tinham com algumas mazelas sociais. Neste viés, e, contextualizando o início dessa obra de Saramago que foi suscitada a partir da sua mudança para a ilha de Lanzarote na década de 90, em virtude das perseguições do governo português ao autor de *O Evangelho Segundo Jesus Cristo (1991)*, que sofreu repressões e vetos à prêmios na Europa, por segundo eles, tal obra configurar uma ofensa contra a moral e princípios da sociedade.

No que confere as ideias sobre política e sociedade, Saramago e Amado foram atentos aos acontecimentos que norteavam os rumos pelos quais seguiam a história, principalmente de suas nações, frente ao engajamento político intelectual de ambos. Nesse panorama, deve-se compreender que, o contexto histórico, ou seja, os episódios e/ou eventos comunitários/globais de determinada época, se fizeram presentes não somente nas obras, mas também na relação pessoal entre os dois intelectuais em questão. Diante disso, para analisar essas percepções em *Cadernos de Lanzarote I (1997)*, é fundamental notar a periodização dos registros comentados por Saramago, com ênfase para as correspondências trocadas com Jorge Amado, a fim de uma compreensão coerente ao que se entende no teor das mensagens.

Os escritos na ilha de Lanzarote, foram iniciados no ano de 1993, sob a luz de momentos complexos na organização política e econômica tanto no Brasil como em Portugal. No primeiro, relembra-se a tentativa de se reerguer um país em meio à uma desconfiança sobre o setor político submerso em casos de corrupções e, uma hiperinflação avassaladora, herança do problemático governo de Fernando Collor de Melo, que afligia a população, sobretudo, os mais carentes. Não obstante disso, Portugal também passará por complicações semelhantes, o país de José Saramago enfrentava uma grande recessão econômica, cujas consequências marcaram

o povo com altos índices de desemprego e muita incredulidade ao poder público, de tal modo observam-se conjunturas sociais similares que refletem nas discussões entre as mensagens via correspondências ligadas à Saramago e Amado.

Tendo em vista, a contextualização do período citado anteriormente, depreende-se melhor agora, sob quais circunstâncias foram escritos os registros entre José Saramago e Jorge Amado, observando especificamente os recortes extraídos de *Cadernos de Lanzarote I* (1997). Diante disso, é compreensível destacar de antemão que, as questões político-sociais predominam as intencionalidades das mensagens trocadas entre os dois escritores, na primeira delas, o autor brasileiro já destaca a difícil realidade na qual se encontrava o seu país:

8 de Maio

Jorge Amado escrevendo do Brasil: «Aqui o sufoco é grande, problemas imensos, atraso político inacreditável, a vida do povo dá pena, um horror.» Diz-me que até ao fim do mês estará na Bahia, que passará por Lisboa antes de seguir para Paris. Esta vida de Jorge e Zélia parece do mais fácil e ameno, uma temporada aqui, uma temporada ali, viagens pelo meio, em toda a parte amigos à espera, prêmios, aplausos, admiradores — que mais podem estes dois desejar? Desejam um Brasil feliz e não o têm. Trabalharam, esperaram, confiaram durante toda a vida, mas o tempo deixou-os para trás, e, à medida que vai ele passando, é como se a própria pátria, aos poucos, se fosse perdendo, também ela, numa irrecuperável distância. Em Paris, em Roma, em Madrid, em Londres, no fim do mundo, Jorge Amado recordará o Brasil e, no seu coração, em vez daquela lenitiva mágoa dos ingênuos, que é a saudade, sentirá a dor terrível de perguntar-se: «Que posso eu fazer pela minha terra?» — e encontrar como resposta: «Nada.» Porque a pátria, Brasil, Portugal, qualquer, é só de alguns, nunca de todos, e os povos servem os donos dela crendo que a servem a ela. No longo e sempre acrescentado rol das alienações, esta é, provavelmente, a maior (Saramago, 1997, p. 15).

Com efeito, o teor sociopolítico, apresentado no recorte acima, reflete sobre a veracidade dos fatos que ocorriam na sociedade brasileira, os problemas organizacionais, as falhas do sistema econômico, além das manchas da corrupção no país, estavam, assim como de toda uma nação, entre as maiores preocupações de Jorge Amado. Em consonância a isso, no acervo do jornal *O Globo* de 2014, está presente um artigo que esclarece bem, como seriam esses problemas enfrentados pelo povo, em meio à um cenário caótico da crise política e econômica da época:

Há duas décadas, o Brasil enfrentava a fase mais aguda de um surto de hiperinflação. As remarcações de preços eram diárias, e estocar produtos era uma necessidade que levava famílias até a viajar a cidades vizinhas em busca de preços melhores. A inflação corroía a renda "per capita" da população, que entrava em seu terceiro ano de queda. Havia se tornado parte da vida dos brasileiros. Só quem conseguia escapar de seus efeitos eram os grandes investidores (Acervo O Globo, 2014, s/p).

Da mesma forma, é possível verificar os anseios de Jorge e, na ocasião também de sua esposa, por um progresso necessário para o bem da população brasileira, como acentua

Saramago, “que mais podem estes dois desejar? Desejam um Brasil feliz e não o tem.” (Saramago, 1994, p. 15). Tal afirmação, confirma tudo o que já foi mencionado em relação ao engajamento de Amado pelas causas favoráveis à sua nação, enquanto homem e escritor, considerado por muitos, o autor que tem e descreve a cara do Brasil.

Na sequência, Saramago discorre uma reflexão crítica sobre a ideia de pátria que se perde ao longo do tempo, não somente no campo das ideias, mas, no exercício de práticas oniscientes ao verdadeiro sentido de pátria, em virtude de situações análogas ao controle, subserviência e/ou subalternação de cidadãos que possam ser alienados dentre várias perspectivas ideológicas ou por não terem tantas opções. Assim, Saramago estende sua percepção de modo universal: “Porque a pátria, Brasil, Portugal, qualquer, é só de alguns, nunca de todos, e os povos servem os donos dela crendo que a servem a ela. No longo e sempre acrescentado rol das alienações, esta é, provavelmente, a maior.” (Saramago, 1997, p. 15).

Através dessa abordagem, o escritor português critica também a questão do ser alienado diante de uma sociedade que precisa de agentes participativos e posicionamentos necessários ao enfretamento de poderes manipuladores, fato que segundo Aguilera (2010, p. 249), José Saramago “denunciou com tenacidade, a substituição do engajamento social pela alienação política”, diante de ataques à democracia por imposições econômicas, políticas e ideológicas.

Para discussões acerca de alienação, Saramago certamente tecia suas reflexões com bases concentradas nos pensamentos marxistas. Assim, a visão sobre um povo que está à mercê das vontades de um poder maior, dos “donos da terra”, assemelha-se ao que diz Inês Isidoro (2006), a partir dos estudos em de Karl Marx:

A alienação política consiste no pensamento de que o Estado contém a chave da liberdade humana. O Estado é considerado como uma entidade que está acima dos problemas econômicos e dos interesses particulares que predominam nas classes economicamente contrárias. Segundo Marx esta perspectiva ilusória e falsa crê que o Estado seria o lugar de reconciliação dos homens divididos na sociedade. As relações econômicas bastante desiguais encontrariam no Estado, que erigido como autoridade que está acima de qualquer classe, a igualdade. Para Marx que rejeita esta ideia, o Estado não é a realização do homem mas a sua alienação. A igualdade publicitada é meramente teórica e traduz uma desigualdade real (Isidoro, 2006, p. 4).

Da mesma forma, é perceptível a ligação direta entre alienação e os discursos propagados na sociedade, principalmente quando o emissor detém o poder e usa-o para persuadir e manipular as camadas consideradas de ordem inferior, silenciando-as a fim de manter o controle sobre os indivíduos. Igualmente, segundo Antonio Freddo (1994), as organizações utilizam o discurso como prática de alienação, com a intencionalidade voltada para a manutenção do domínio coletivo, usurpando as capacidades de reflexões e criticidade

dos cidadãos. Por outro lado, ainda de acordo com Freddo (1994), “Se a "máscara" da alienação cair, o sujeito verá seu próprio e imenso vazio.” (Freddo, 1994, p. 33), essa afirmação reforça a ideia de que o povo precisa se manifestar exercendo sua participação política e o senso crítico.

Outro ponto, pertinente para análise, está direcionado para os apontamentos de Saramago, retornando opiniões a respeito da carta enviada por Jorge Amado. O crítico português destaca sua percepção enquanto cidadão parte de um povo que precisa se impor diante dos descasos do poder dominante, essa necessidade defendida por ele, se encontra no âmbito dos seus diversos discursos acerca da importância de se construir e manter uma consciência em torno do papel social e de direitos, através do movimentar-se, para não aceitar condições retrógradas, como observa-se no recorte seguinte de *Cadernos de Lanzarote I* (1997):

19 de Maio [...]

Ainda sobre a carta de Jorge Amado. Penso que o mal dos povos, o mal de nós todos, é só aparecermos à luz do dia no *carnaval*, seja o propriamente dito, seja a revolução. Talvez a solução se encontrasse numa boa e irremovível palavra-de-ordem: povo que desceu à rua, da rua não sai mais. Porque a luta foi sempre entre duas paciências: a do povo e a do poder. A paciência do povo é infinita, e negativa por não ser mais do que isso, ao passo que a paciência do poder, sendo igualmente infinita, apresenta a «positividade» de saber esperar e preparar os regressos quando o poder, acidentalmente, foi derrotado. Veja-se, para não ir mais longe, o caso recente de Portugal (Saramago, 1997).

No tocante as palavras de Saramago em relação a uma certa acomodação do povo, é possível depreender a sua intenção em instigar a consciência de classe sob o eco de uma “palavra de ordem”, como forma de levantar vozes contra as injustiças sociais perpetuadas ao longo da história, pois, a cultura do poder controlador se propaga entre o silenciamento de indivíduos envolvidos por uma falsa democracia. A exemplo disso, em entrevista ao diário de notícias em Lisboa no ano de 2004, José Saramago discorre de maneira análoga, quando questionado sobre qual seria o futuro para o homem:

Se não houver uma revolução de consciências, se as pessoas não gritarem: “Não aceito ser apenas aquilo que querem fazer de mim”, ou não recusarem ser um elemento de uma massa que se move sem consciência de si própria, a Humanidade estará perdida. Não se trata de regressar ao individualismo, mas há que reencontrar o indivíduo. Esse, o nosso grande obstáculo: reencontrar o indivíduo num tempo em que se pretende que ele seja menos do que poderia ser (Saramago, 2004, s/p).

Contudo, ao que se espera por uma consciência de classe, é a consolidação da ação humana em busca da sua própria posição em sociedade, apesar das prováveis circunstâncias limitadas de ideologias manipuladoras, oriundas da sobreposição dos interesses de uma classe burguesa dominante. Para tanto, a questão em si, como destaca Thiago Marques Mandarin

(2022), é papel de uma classe, iniciar um processo para a construção social onde prevaleçam os interesses comunitários, conferindo princípios básicos a fim de desligar-se do vínculo alienado à ideologias burguesas. Nessa ótica, a “palavra de ordem” mencionada por Saramago em *Cadernos de Lanzarote I (1997)*, deve, impreterivelmente, surgir da vontade do próprio povo, transmitindo os anseios por justiça e oportunidades na sociedade.

Ainda pensando na importância da consciência de classe em meio a uma sociedade egocêntrica movida pelo capital, considerando que, nesse quesito, não houveram grandes mudanças até hoje, é interessante elencar a esta pesquisa, o que diz Fernando Galine (2020), em seu trabalho intitulado “*Consciência, consciência de classe e luta política no materialismo histórico de Marx e Engels*”, relacionando à reflexão do parágrafo anterior: “A consciência de classe permite que se rompa com a ideologia da classe dominante, permitindo assim, mudanças no mundo material. Permite que se possa pensar mudanças nas relações produtivas, e motiva as pessoas a lutarem por essas mudanças.” (Galine, 2020, p. 8). Essa alegação, dimensiona a potencialidade do ser consciente de sua classe, para além disso, sintetiza o poder que o indivíduo absorve a partir desse momento, tomado pelo seu papel social, em conformidade com o que Karl Marx afirma “Não é a consciência dos homens que determina o seu ser; ao contrário, é o seu ser social que determina sua consciência.” (Marx, 2008, p.7).

Outro assunto tratado por Saramago no segundo recorte, e aqui analisado, em *Cadernos de Lanzarote I (1997)*, é a relação entre as lutas do povo contra o poder, referindo-se minimamente ao contexto histórico, vivenciado em Portugal, a ditadura Salazarista que perdurou por décadas, também com o sucessor de Salazar, Marcello Caetano, implicando fortes censuras à sociedade portuguesa, com adoções de políticas excludentes e perseguições contra pensamentos e/ou ideologias que configurassem ameaças ao Estado. Sobre esse episódio da história de Portugal, Saramago sempre discursou com veemência contra o retrocesso marcado pelo regime ditatorial, mas também, não poupou críticas a possível falta de consciência ou coragem de enfrentamento da população, de acordo com Antonio Sgarb (2020):

Ao desnudar as mazelas da sociedade como um todo, Saramago também fez severas críticas ao povo português, condenando abertamente a sua falta de cultura, de consciência política e engajamento social, atributos vitais para a instauração de uma sociedade mais justa e livre das amarras das políticas autoritárias do Estado (Sgarb, 2020, p. 58).

Essa percepção, enfatiza a preocupação do escritor português em alertar a população sobre o poder fundamental que ela poderia/pode exercer nas relações diretas com o estado. Mas,

para tanto, a passividade política, cultural e intelectual acaba sendo um fator determinante que dificulta o esclarecimento do povo frente às lutas e seus posicionamentos em sociedade.

Claramente, Saramago apresenta fortes posicionamentos políticos e sociais, convicto de seu papel cidadão, consciente de seus direitos e deveres. Mantendo-se, ao longo de sua trajetória cívica e literária, um homem coerente que nunca se rendeu aos encantamentos do poder, sempre estando ao lado da verdadeira democracia no seu sentido literal. Tomado pelo desejo por uma sociedade liberta dos sistemas opressores, livre da pobreza, seja intelectual, ou no viés propriamente dito da palavra.

### **Considerações finais**

Ao longo deste trabalho, foi realizado um estudo acerca de questões político-sociais no Brasil e em Portugal, através da análise de recortes da obra *Cadernos de Lanzarote I (1997)* de José Saramago, nos quais constam reflexões acerca de correspondências trocadas entre Saramago e Jorge Amado. O teor das passagens é fundamental para a compreensão histórica de ocorrências políticas e sociais, a partir da percepção desses dois grandes nomes da literatura de língua portuguesa, visto que seus posicionamentos eram constantemente expressados em suas obras, as quais refletiam diretamente às personalidades de ambos. No entanto, esta pesquisa possibilita a interpretação de informações e opiniões pessoais que partem da escrita íntima, considerando a perspectiva de um diário, presente em *Cadernos de Lanzarote I (1997)*.

Além disso, a escrita autobiográfica de José Saramago, em seu diário produzido na ilha de Lanzarote em 1993, permite uma inteligência concisa da temática desta pesquisa, especificamente por se tratar de uma produção autorreferencial, tendo em vista que o autor, José Saramago, se apresenta por meio de suas experiências reais, fora do ambiente dos romances. Essa abordagem intimista revela vivências e conexões importantes para quem deseja conhecer Saramago, tal como ele vivia e pensava, partindo da perspectiva do reflexo de si nas linhas e entrelinhas de *Cadernos de Lanzarote I (1997)*.

Outrossim, discorrer sobre a relação com Jorge Amado é falar de uma conexão verdadeiramente humana, tratada no diário do autor Português. A amizade estabelecida entre os dois escritores carrega um peso sociocultural incalculável, não somente para seus admiradores e os amantes da boa literatura portuguesa, mas à sociedade em geral. E simboliza a união de pensamentos intelectuais necessários aos diversos setores sociais. As reflexões de Saramago, suscitadas pela correspondência de Jorge Amado, mostram como eles compartilhavam as mesmas ideologias político-sociais de enfrentamento ao sistema controlador

e defesa das camadas populares, desfavorecidas numa sociedade injusta, submersa no rol das alienações.

Dentre tantas demarcações discursivas, Saramago aproveita a interpretação sobre as palavras de Amado para indicar que a consciência de classe é fator determinante para que o povo se sobressaia frente ao poder manipulador de um estado opressor à ótica dos acontecimentos históricos de Portugal. Nesse viés, é impossível não perceber a aproximação com as experiências retrógradas do povo brasileiro nos tempos de censura e opressão social.

Por fim, enquanto trabalho científico, esta pesquisa objetiva também contribuir com os estudos políticos e sociais, por meio da abordagem literária. Não somente isto, esta análise crítico-discursiva, contempla em parâmetros históricos, os pensamentos, ideologias, bem como, vida e obra de dois grandes nomes da literatura de língua portuguesa, José Saramago e Jorge Amado. Diante do exposto, os resultados extraídos aqui, configuram a compreensão em torno das insurgências políticas e sociais no Brasil e em Portugal, sob as analogias de José Saramago e Jorge Amado em *Cadernos de Lanzarote I (1997)*, que preocuparam-se com as problemáticas político-sociais que afligiam a sociedade naquele tempo e, não obstante, ainda perduram, de certa forma velada ou não, na atualidade.

## REFERÊNCIAS

- ACERVO O GLOBO. Em 1993 os brasileiros viveram o auge da hiperinflação que alcançou 2.500%. Disponível em: <https://acervo.oglobo.globo.com/em-destaque/em-1993-os-brasileiros-viveram-auge-da-hiperinflacao-que-alcancou-2500-11263960#ixzz8acJji1VO>
- AGUILERA, Fernando Gómez. As palavras de Saramago. Editora Companhia das Letras, 2010.
- ARFUCH, Leonor. O espaço biográfico: dilemas da subjetividade contemporânea. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2010.
- BALSINI, Priscila Fernandes. "A escrita como releitura do vivido em Manual de pintura e caligrafia e Cadernos de Lanzarote, de José Saramago." (2020).
- CALIXTO, Carolina Fernandes. "História e memória da trajetória político-intelectual de Jorge Amado." (2016).
- CASTELLO, José. "Jorge Amado e o Brasil." *O universo de Jorge* (2009).
- FREDDO, Antonio Carlos. "O discurso da alienação nas organizações." *Revista de Administração Pública* 28.1 (1994): 24-a.
- GALINE, Fernando Tadeu Mondí. "Consciência, consciência de classe e luta política no materialismo histórico de Marx e Engels." (2020).
- ISIDORO, Inês Sofia. "Alienação em Marx." (2006).

LEJEUNE, Philippe. Autobiografia e ficção In O Pacto Autobiográfico. Org. NORONHA, Jovita. Belo Horizonte: UFMG, 2008.

GASTÃO, Ana Marques. A democracia ocidental está ferida de morte, Diário de Notícias, Lisboa, 25 de março de 2004. Disponível em: <https://www.dn.pt/i/1007440.html/>

MANDARINO, Thiago. Alienação, Ideologia e Consciência de Classe: Movimentos Sociais e Partidos de Esquerda na Encruzilhada. Espírito Santo: Revista da Sociedade Brasileira de economia Política, 2022.

MARX, Karl. "Prefácio" à Contribuição à Crítica da Economia Política. 2.<sup>a</sup> ed. São Paulo: Expressão Popular, 2008.

MARCON, Adriana. "José Saramago: retratos do autor pela sua arte1." *Miscelânea: Revista de Literatura e Vida Social* 17 (2015): 101-115.

SARAMAGO, José. *Cadernos de Lanzarote*. Editora Companhia das Letras. São Paulo, 1997.

SGARBI, Elielson Antonio. "Os apontamentos (1972-1975) -Crônicas Políticas: Portugal segundo José Saramago." (2020).

### **Political and social issues in Brazil and Portugal through correspondence between José Saramago and Jorge Amado in Cadernos de Lanzarote I (1997/1994): social alienation and class consciousness**

**Abstract:** The aim of this work is to analyze political and social issues in Brazil and Portugal, from the point of view of José Saramago and Jorge Amado, observed in clippings of correspondence in *Cadernos de Lanzarote I* (1997/1994), by the Portuguese writer. Thus, this research, through the analysis of Saramago's autobiographical diary, makes it possible to observe how he interpreted Jorge Amado's inferences about the political-social organization in Brazil, dialoguing with the Portuguese reality, about social alienation and class consciousness. The methodology used is bibliographical and critical-reflexive. The theoretical support for this research includes: Lejeune (2005) and Arfuch (2010) who deal with the genres diary and autobiography. Freddo (1994) talks about the discourse of alienation in organizations, Mandarino (2022) discusses, based on Karl Marx, alienation and social class, among other subjects, which are verified in this study.

**Keywords:** Politics. Brazil-Portugal relations. Society.